

Editorial



Fig. 1 - Sandra Guinle. *Ciranda-cirandinha*. Carvão. 80 x 24 x 20 cm. 2003.

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, [...]; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre. (NIETZSCHE, 2000, p. 10-11)

As relações entre o normal e o patológico estão longe de ser triviais. Vasta produção, seja estética, filosófica ou técnico-científica, tem sido gerada sobre

a tênue linha que os separa. Consequências políticas, críticas e clínicas, corolário de tais aproximações são, em decorrência disso, encontradas em campos do conhecimento tão diversos como a medicina, o direito, a psicanálise, a crítica literária e a linguística, para não ficar apenas nos exemplos de ciências históricas como a sociologia e a filosofia.

Que a literatura e a medicina explorem, cada uma a seu modo, tais relações não se constitui propriamente uma novidade. O que vem se estruturando como tendência há pelo menos três décadas, em especial do lado médico da fronteira, é o campo do saber que veio a se tornar conhecido como *humanidades médicas*. Sob essa denominação podemos encontrar uma miscelânea de tópicos acadêmicos abrangendo desde a bioética principialista, tal como foi concebida na década de 1970, à, por exemplo, leitura de clássicos da literatura como forma de ampliar “a competência ética e emocional necessária ao exercício da medicina” (na expressão de RIOS *et al.*, 2008, p. 119); desde a psicologia médica e o estudo da sexualidade na relação médico-paciente, às formas de comunicação envolvidas nas práticas de saúde. Tal empreendimento acadêmico veio a curso no intuito de suprir uma notória lacuna humanística na formação do médico mas, ao mesmo tempo e pelo lado literário, possibilitou um modelo de acesso ao conhecimento pela via do comparatismo devido sobretudo a dois fatores.

O primeiro diz respeito à proverbial fartura de documentação. Não apenas peças literárias descrevendo detalhes minuciosos de condições mórbidas, mas também textos e narrativas médicas de valor estético são abundantes e constituem fonte inesgotável de material, no geral ainda muito pouco explorado quanto a esse aspecto, em especial, sob o ponto de vista acadêmico. O segundo, devido ao enraizamento da medicina na realidade do corpo e sua “incontornável finitude”. O comparatismo nos possibilita, então, amparado por abordagens existenciais da fenomenologia e da hermenêutica filosófica, dar ossatura epistemológica a áreas dentro do próprio campo da medicina consideradas até então, subjetivas e instáveis como, por exemplo, as narrativas em contextos clínicos.

O Dossiê “Tecidos do Humano: Literatura e Medicina” da *Revista Via Atlântica* tem a ambição de propor uma compreensão mais ampla e renovada do comparatismo em sua relação com vários campos do saber, na interface entre linguagem e experiência clínica. Nele, o leitor encontrará textos eminentemente teóricos, que discutem os conceitos de “humanização literária”, da literatura como forma de conhecimento, da possibilidade e necessidade, ainda utópicas,

de uma “poética” da comunicação em saúde, tendo em conta a natureza discursiva da relação médico-paciente. Com isso, pretendemos contribuir com a tarefa de pavimentar o campo teórico da Literatura e Medicina em território brasileiro, em busca de um ponto de vista conceitual próprio, a partir de um pensamento ainda (e sempre) em processo.

O volume conta também com artigos voltados à apreciação crítica de escritores que, a exemplo de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Fernando Namora e outros que, especialmente em língua portuguesa, de algum modo configuraram literariamente a doença ou em vida exerceram a profissão de médicos. Alguns ensaios perfazem um vôo histórico, evidenciando as relações entre a saúde e os contextos sócio-culturais que a engendram; outros analisam a relação entre doença e infância, ou explicitam a “corporalidade” de que são feitos textos e homens.

Literatura e medicina parecem ser respostas diferentes a diferentes desdobramentos dos padecimentos humanos e, ao fim e ao cabo, teriam as mesmas raízes fincadas naquilo que consideramos “humano”. Todavia, se a primeira sofre, desde Platão, de “acusações” de desconexão com a realidade, a segunda amarga um diligente e algo recente processo de (re-)humanização, sem, entretanto, que se disponha, para tal empreitada, da sustentação de um marco teórico consentâneo. Surge, assim, a possibilidade de nos lançarmos à tentativa de responder à mesma pergunta, tendo em conta ambos os lados da fronteira. Se a experiência do adoecer nos é comum tanto quanto a de ouvir e contar histórias, seria possível, como numa ciranda, ver a cada volta o que os outros integrantes já viram e também o que ainda verão, mas e para além disso, ver também a todos e a cada um dos outros a quem damos as mãos? A realidade da roda que gira se funda em seus agentes, mas sua *raison d'être* reside nas experiências e pontos de vista nela trocados ciclicamente. Não seria essa uma interessante ideia de humanidade?

Fabiana Buitor Carelli

Faculdade de Filosofia, Letras de Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Carlos Eduardo Pompilio

Hospital das Clínicas - Faculdade de Medicina
Universidade de São Paulo

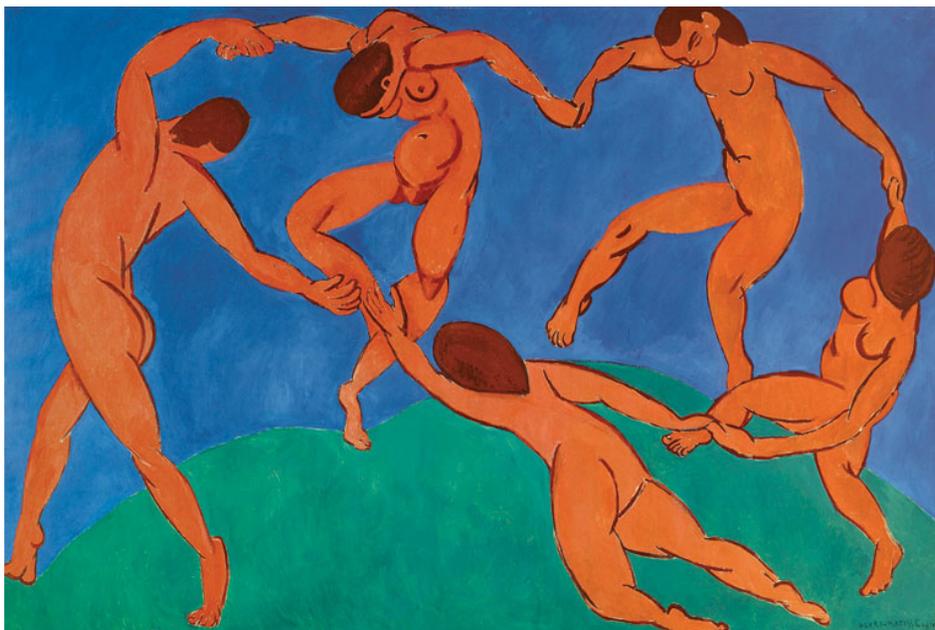


Fig. 2 - Henri Matisse. *La danse* (1910). Óleo sobre tela. 2,6 m x 3,91 m.

Referências

- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RIOS, Izabel Cristina et al. A integração das disciplinas de humanidades médicas na Faculdade de Medicina da USP: um caminho para o ensino. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 112-121, Mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09-09-2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000100015>.

Sites consultados

http://www.sandraguinle.com.br/ampliar.php?codigo_produto=40&codigo_categoria=2. Acesso em 07-09-2016.

<http://stylesalvage.blogspot.pt/2010/05/witchcraft-of-matisse.html>. Acesso em 08-09-2016.